

Wittgenstein nos Estudos da Tradução: aportes recentes

Paulo Oliveira¹

Titel: Wittgenstein in der Translationswissenschaft: neue Beiträge

Title: Wittgenstein in Translation Studies: new contributions

Palavras-chave: teoria da tradução, filosofia da linguagem, semiótica, Wittgenstein

Schlüsselwörter: Übersetzungstheorie, Sprachphilosophie, Semiotik, Wittgenstein

Key-words: translation theory, philosophy of language, semiotics, Wittgenstein

A despeito de menções esporádicas à obra do Wittgenstein tardio nos Estudos da Tradução (ETd), raras abordagens fazem essa conexão de modo diferenciado e com os devidos aprofundamentos. Uma exceção brasileira a essa regra é a visada de Helena Martins (2012, 2014), na interface com a teoria literária e a antropologia – ainda que sem o foco sistemático na obra de Wittgenstein que caracteriza o trabalho que eu mesmo venho desenvolvendo há quase duas décadas, à busca de uma interface entre a Filosofia da Linguagem e os Estudos Descritivos da Tradução.² Algumas publicações recentes, no entanto, fornecem indícios de que esse quadro geral pode estar mudando, ainda que de maneira tímida.

A coletânea *Wittgenstein Übersetzen*, organizada por Matthias Kroß e Esther Rahmharter (2012), trata da relação entre a obra do pensador austríaco e a prática da tradução, porém com foco quase exclusivo na tradição filosófica, i.e., passando ao largo do debate corrente nos ETd propriamente ditos (à exceção dos textos de Kroß e de Oliveira, respectivamente). Tal ênfase não surpreende, posto que a publicação remonta a um colóquio realizado na Universidade de Viena em 2010, com participação sobretudo de estudiosos do filósofo austríaco, tendo como único aporte oriundo dos ETd a contribuição de pesquisadora cuja principal referência na Filosofia é Derrida, e não Wittgenstein –

¹ Docente em Ensino de Línguas, Área de Alemão, no CEL/Unicamp. Prof. credenciado no programa de Pós-Graduação/Mestrado em Língua e Literatura Alemã na FFLCH/USP. E-Mail: olivpaulo@gmail.com

² Parte significativa dos resultados desse trabalho está disponível para consulta e pode ser obtida em formato eletrônico no endereço <<https://unicamp.academia.edu/POliveira>>.

sendo os textos tanto de Kroß como de Oliveira agregados à publicação *a posteriori*, visando exatamente suprir essa lacuna, ainda que de modo parcial.

Nesse mesmo ano, foi também publicado o livro *Wittgenstein in Translation (Exploring Semiotic Signatures)*, no qual Dinda Gorrée (2012) retoma uma série de trabalhos anteriores para apresentar sua compreensão do filósofo à luz da teoria dos signos de Peirce, fazendo uma aproximação entre o pragmatismo desse último e a visão pragmática de linguagem do primeiro. Aqui, a discussão leva em conta questões e autores de destaque nos ETD, privilegiando, porém, abordagens consideradas periféricas ou mesmo superadas – do ponto de vista de conceitualizações correntes, sobretudo daquelas de caráter antiesencialista.

Mais recentemente, e levando também em conta os dois livros supracitados, Philip Wilson (2016) procurou estabelecer uma ponte entre a obra do pensador austríaco e os ETD, de modo assaz programático, em *Translation after Wittgenstein*. Nesse caso, estamos diante de uma espécie de apresentação do filósofo destinada a pesquisadores dos ETD: o estilo é simples e direto, não raro com traços quase didáticos, a exemplo de uma série de sugestões sobre como a leitura de Wittgenstein poderia revelar-se proveitosa para a área.

Em junho de 2017, a relação entre Filosofia e Tradução foi retomada em encontro de trabalho realizado nos Arquivos Wittgenstein, na cidade de Bergen (Noruega), contando com pesquisadores brasileiros e europeus. Aqui, novamente, a quase totalidade dos trabalhos teve foco eminentemente filosófico, sendo que somente meu próprio texto levou em conta os desdobramentos ocorridos nos ETD nas últimas décadas – já na condição de área de pesquisa autônoma e com lugar institucional próprio (a despeito da interdisciplinaridade que está não só em sua origem, como também em sua própria constituição interna; cf. Oliveira em preparação). Por outro lado, não há registro de encontro acadêmico organizado no âmbito estrito dos ETD que tenha tido por foco uma discussão mais sistemática de como o legado wittgensteiniano poderia contribuir para a área – salvo desconhecimento de minha parte.

Nesse contexto geral, são extremamente bem-vindas as publicações que começam a fazer a ponte entre os dois domínios em jogo – Filosofia da Linguagem (Wittgenstein) & ETD – de modo mais direcionado e com os devidos aprofundamentos. Tecerei a seguir algumas breves considerações sobre esses aportes recentes, a título de sugestão de leitura

e comentário inicial voltado ao público oriundo dos ETd e/ou de áreas conexas. Para possibilitar uma síntese minimamente adequada do amplo leque de questões em jogo, apresento a seguir algumas hipóteses norteadoras, extraídas de minha própria pesquisa sobre o tema. O eixo central dessas hipóteses está na relação necessária entre concepção de linguagem e teoria da tradução, tópico já trazido à baila com muita propriedade por Anette Kopetzki (1996), conforme tenho observado em diversas ocasiões (Oliveira 2013, 2014, 2016, dentre outros). Trata-se de reconhecer e, no desenvolvimento de nossas pesquisas, nunca esquecer que:

- A tradução ocorre na linguagem, é um fenômeno de seu *uso*. Portanto, qualquer *teoria da tradução* coerente que venhamos a construir deve necessariamente basear-se em nossa *concepção de linguagem*. Inversamente, o modo como falamos da tradução fornece informações sobre a concepção de linguagem que mobilizamos.
- Em outras palavras: linguagem e concepção de linguagem são *logicamente anteriores à tradução* e à teorização sobre ela. Se ignorarmos essa *relação assimétrica*, nossas teorias da tradução estarão condenadas a trazer em seu bojo confusões conceituais. Como medida profilática para prevenir tais confusões conceituais, sugiro um teste muito simples, na forma de três perguntas básicas:
 1. A teoria da tradução que estou mobilizando é compatível com a concepção de linguagem que (alegadamente) professo?
Em caso negativo, é preciso repensar essa teoria.
 2. Em caso positivo: que concepção de linguagem é essa (dando suporte à teoria)?
 3. Essa concepção de linguagem passa pelo teste do uso real?
Em caso negativo, é preciso repensá-la.

Tomemos esse conjunto de perguntas como um roteiro dinâmico, que permite várias passagens, à medida em que as perguntas forem respondidas de modo a levar à necessidade de responder a próxima (ou respondê-la novamente, a partir de novas premissas). Em tese, o ciclo estará concluído no momento em que tivermos uma concepção de linguagem compatível com o uso real e uma teoria da tradução coerente com essa concepção de linguagem. Isso posto, passemos a nossos breves comentários sobre os três livros em tela.

Do ponto de vista de um projeto que busca uma interface sistemática e consistente entre o legado wittgensteiniano e os ETd contemporâneos, o grande mérito da coletânea

Wittgenstein Übersetzen (Kroß & Rahmharter 2012) é o de documentar uma postura bastante comum dentre os comentadores, a saber, uma certa tendência a reduzir o conceito de *tradução* ao de *equivalência*, a despeito do domínio de todo um aparato conceitual extremamente sofisticado.³ Essa tendência é certamente muito forte dentre os comentadores de Wittgenstein, sobretudo aqueles alinhados com a Filosofia Analítica que, de certa forma, pode ser considerada *mainstream* na discussão contemporânea. Se, por um lado, tal fato pode parecer paradoxal à primeira vista, por outro lado ele não surpreende, na medida em que essa tradição tem um foco muito forte na primeira fase, logicista, do filósofo – ainda que a obra tardia também seja contemplada. Porém, mesmo quando a obra tardia é contemplada, a preocupação com uma propalada fidelidade ao texto original do autor não raro parece obliterar a aplicação da concepção de linguagem da fase tardia à maneira como certos comentadores veem a tradução – notadamente no caso de traduzir-se a obra do próprio Wittgenstein. Em suma: apesar de autoproclamarem-se wittgensteinianos, devendo, portanto, adotar uma concepção de linguagem tributária do pensador austríaco, tais comentadores acabam por abordar a obra (cujo cerne, na fase tardia, é desfazer confusões conceituais, pela terapia do pensamento dogmático) esposando uma concepção de linguagem incompatível com a mesma. Trata-se, portanto, de um caso em que a teoria de tradução mobilizada não condiz com a concepção de linguagem alegadamente assumida.

Outro fator que contribui para o surgimento de confusões e incoerências é uma postura que considera questões da prática como pertencendo a um domínio estritamente empírico, não sendo, portanto, merecedoras duma reflexão filosófica propriamente dita. Talvez isso explique a contradição que acabo de expor. Aqui, a profilaxia sugerida acima, na forma de três perguntas básicas, certamente poderia ajudar.

Tal profilaxia também caberia no caso de Dinda Gorlée (2012), na medida em que a autora, a despeito de professar seu alinhamento com a ideia de semiose infinita nos termos da semiótica de Peirce, abraça teses absolutamente incompatíveis com esse preceito. Isso fica claro quando sugere que, em Filosofia, seria fundamental estabelecer uma nomenclatura dos conceitos em jogo e, com base nessa nomenclatura, definir uma espécie

³ Tal importância como *documento* advém do fato de que, no campo institucional da Filosofia, os comentadores, de modo relativamente geral, tendem a tratar do assunto de forma antes esporádica e estratégica, usando o conceito de tradução “(in)adequada” sobretudo para opor-se a interpretações concorrentes. Mas raramente o tema tradução – como objeto legítimo de reflexão – é colocado no centro da discussão, de modo direcionado e sistemático (Oliveira 2015, seção 3, faz uma breve síntese das visadas de três wittgensteinianos sobre o tema).

de glossário terminológico a ser mobilizado de modo sistemático, tendencialmente em todas as ocorrências e variantes do conceito em jogo. Ora, no caso de Wittgenstein, tal sistematicidade esbarra não só na evolução dos conceitos centrais ao longo dos diferentes períodos de sua obra, como também na própria concepção de linguagem da obra tardia, em que o significado (da palavra, do conceito etc.) corresponde ao *uso* nas diferentes situações. No mais, quando discute a retradução de um livro (*Culture and value*) em que o mesmo tradutor da primeira versão – Peter Winch – usa critérios e estratégias de tradução diferentes, Gorlé (2012, Cap. 5) atribui as principais mudanças introduzidas na retradução a novas leituras, i.e., a leituras de trechos/fragmentos escritos pelo próprio Wittgenstein, dos quais Peter Winch não tinha conhecimento quando de sua primeira tradução. Ao fazer isso, passa ao largo do fato de que o conceito peirceano de *semiose infinita* extrai sua pertinência sobretudo da inexorável existência de novas leituras do *mesmo* texto à medida em que os contextos dessas leituras vão mudando ao longo do tempo – porque, em termos wittgensteinianos, os *objetos de comparação* que lhe conferem sentido passam a ser outros. As conclusões de Gorlé (2012), portanto, são parcialmente incompatíveis com a teoria de extração peirceana que alegadamente está na base de sua abordagem. Apesar dessas contradições, *Wittgenstein in Translation (Exploring Semiotic Signatures)* é um livro denso e rigoroso em muitos outros aspectos, merecendo, portanto, a atenção também de pesquisadores nos ETd.

No caso do livro de Wilson (2016), as convergências com as teses que venho defendendo são muito maiores, o que talvez se explique pelo fato de que o autor não só demonstra conhecimento da pesquisa feita nos ETd mais recentes, como também tem como objetivo explícito mostrar a pesquisadores dessa área que vale a pena tentar compreender Wittgenstein e trazer para esse âmbito alguns conceitos centrais do filósofo em sua obra tardia, como *jogo de linguagem*, *semelhança de família* e *percepção de aspectos*, dentre outros. Sugestões concretas são fornecidas em tabelas de relações temáticas como, por exemplo: Tabela 4.2 (Uma amostra das principais teorias da tradução [correlacionadas com conceitos wittgensteinianos, p. 95]; Tabela 5.1 (Ferramentas wittgensteinianas para os Estudos da Tradução, p. 105). Um *insight* ao qual sou particularmente grato diz respeito à proposta de aplicar o conceito de *visão perspicua* ou *apresentação panorâmica* (*übersichtliche Darstellung*) na pesquisa em tradução. Se, de fato, é possível termos várias apresentações perspícuas do mesmo objeto, então diferentes traduções que estejamos dispostos a aceitar como adequadas poderão ser vistas como representações perspícuas do mesmo texto de partida. Essa visada tem a vantagem de aceitar a variação sem abrir

mão do conceito de *norma* ou *parâmetro de adequação*, tornando perfeitamente viável trabalharmos não apenas com a noção de variação, como também com a de acerto/erro, sem com isso termos de voltar a uma visão essencialista de linguagem e tradução já há muito tempo superada por abordagens contemporâneas na área.

Isso torna-se factível no momento em que entendemos a ideia de *tradução* como aquilo que Wilson chama de conceito agregador (*cluster concept*), com base na noção wittgensteiniana de *semelhanças de família* (cf. Wilson 2016: Tabela 4.2: Lendo Eliot Weinberger como wittgensteiniano, p. 96-97); Tabela 4.4: Algumas leituras do Novo Testamento, p. 98). O conceito de semelhanças de família é, até o momento, o de recepção mais direta e perceptível nos ETd, e provavelmente continuará a sê-lo por um bom tempo – até mesmo porque atinge o cerne da concepção essencialista de linguagem, mostrando que ela não se sustenta. Nesse sentido, caberia também mostrar que a natureza de conceito agregador (ou vago) é antes a regra que a exceção, invertendo a ideia de que a vagueza é uma exceção ao caso geral do conceito exato (na linha de Frege e outros autores), para admitir que, pelo contrário, o conceito exato (na matemática, na lógica etc.) é que se apresenta como uma exceção ao conceito vago que caracteriza a linguagem natural, de modo muito mais amplo. Mas essa discussão extrapola os objetivos e o espaço disponível no presente trabalho.

Apesar de seus inúmeros e inegáveis méritos, a abordagem de Wilson (2016) também tem suas limitações. A primeira delas está atrelada à própria concepção de obra introdutória: não raro, a discussão de certos tópicos é atribuída a autores que já figuravam nas referências bibliográficas, sendo que o mesmo assunto já fora discutido em maior profundidade e até mesmo sob outras óticas em trabalhos anteriores – como é o caso do entendimento de que não apenas textos literários, mas também os assim chamados textos técnicos ou de especialidade exigem uma boa parcela de interpretação para uma recepção adequada. Esse insight não pode ser considerado como inovação introduzida por uma visada wittgensteiniana, posto que já se faz presente, por exemplo, na literatura de tradição hermenêutica e na desconstrução.

A segunda limitação também é, num certo sentido, decorrente do caráter quase didático do livro: ao tentar conciliar perspectivas muito díspares, Wilson acaba por dar espaço ao entendimento de que seria possível defender essa ou aquela concepção de linguagem, a depender da atividade em jogo. É isso o que ocorre quando afirma que, para entender como se *aprende* uma língua, Chomsky teria a chave do processo, ao passo que

Wittgenstein daria conta de como se *usa* a língua (Wilson 2016: 107). Ocorre que as concepções de linguagem desses dois autores são incompatíveis em muitos aspectos. Chomsky costuma ser evocado quando se fala de diferentes fases de aprendizagem de língua materna, com foco em processos empíricos – sendo que a diferenciação entre o empírico e o lógico/gramatical é fundamental na obra de Wittgenstein. E não me consta que exista alguma forma de aprender uma língua que não passe por seu *uso* efetivo. De resto, *concepção de linguagem* é algo que reside num nível muito profundo, e qualquer modificação nesse nível leva inevitavelmente a uma mudança do sistema como um todo – como diria o próprio Wittgenstein, aliás (para uma elaboração desse argumento, cf. Oliveira em preparação).⁴

De todo modo, há de se reconhecer que a relevância da obra tardia de Wittgenstein para a discussão de questões tradutórias vem, de fato, ganhando um reconhecimento muito maior nos últimos tempos. Os três títulos que resenhei de forma sucinta neste breve trabalho não só apontam claramente nessa direção, como também fornecem boas formas de acesso para uma discussão mais aprofundada que, a seu devido tempo, certamente se fará necessária. Se o/a leitor(a) leitora interessado(a) mantiver em mente a necessidade de guardar a coerência entre nossa concepção de linguagem e a forma como pensamos sobre a tradução em termos teóricos, visando também chegar a um entendimento mais adequado de como a própria prática da tradução se configura no mundo real, tanto os caminhos apontados nesses três livros como os eventuais becos sem saída poderão ser percebidos com maior facilidade. A trilha a ser tomada se mostrará então de forma mais natural.

Referências bibliográficas

GORLÉ, Dinda L. *Wittgenstein in Translation. Exploring Semiotic Signatures*, Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

KOPETZKI, Anette. *Beim Wort nehmen: Sprachtheoretische und ästhetische Probleme der literarischen Übersetzung*. Stuttgart: M & P, 1996.

⁴ Aqui, caberia o cuidado de não se confundir a roupa com a pele. A roupa pode ser mudada de acordo com a ocasião. Mas mudar a pele, ainda que seja possível em certa escala, cirúrgica, ou em contexto ficcional, é algo bem mais complicado. É verdade que, nas práticas acadêmicas contemporâneas, notadamente quando se advoga pela multi- ou pluridisciplinaridade (que certamente têm seus méritos), muitas vezes se tem a impressão de que é exatamente isso o que se pretende fazer: mudar de pressuposto básico, i.e., epistêmico, ao sabor dos objetivos. Num certo sentido, meu apelo para que se busque a coerência entre os pressupostos de base e a teoria deles decorrente visa em parte alertar para a fragilidade de uma tal empreitada, de um modo mais geral, i.e., sem que tenhamos de nos restringir ao caso específico dos ETd.

- KROB, Mathias; RAHMHARTER, Esther: *Wittgenstein übersetzen*. Berlin: Parerga, 2012. (Coleção Wittgensteiniana vol. 9)
- MARTINS, Helena. Tradução e perspectivismo. *Revista Letras* n. 85, p. 135-149, jan./jun. 2012. Curitiba: Editora UFPR.
- MARTINS, Helena. A tradução e o (silencioso) devir das formas de vida. In L. Esteves; V. Veras (Org.): *Vozes da tradução. Éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 221-236.
- OLIVEIRA, Paulo. Mainstays for a translation theory on Wittgenstein's line. In: *36th International Wittgenstein Symposium*. Geist, Sprache und Handlung / Mind, Language and Action. Neulengbach: The Austrian Ludwig Wittgenstein Society, 2013. v. XXI. p. 291-293.
- OLIVEIRA, Paulo. Norm, Applikation, Lebensform: Wie sie zueinanderstehen. 15. *Kongress des Lateinamerikanischen Germanistenverbandes – ALEG*. (Caderno de resumos. Curitiba: Quadrioffice, 2014, p. 428-429)
- OLIVEIRA, Paulo. Relative but real and binding: how family resemblance and normative use have found their way into Translation Studies (TS). *38th International Wittgenstein Symposium in Kirchberg am Wechsel. Papers*. Neulengbach: Austrian L.-W. Society, 2015, p. 224-226.
- OLIVEIRA, Paulo. Language conception and translation: from the classic dichotomy to a continuum within the same framework. In: Seruya, Teresa; Justo, José Miranda (Org.). *Rereading Schleiermacher: Translation, Cognition and Culture*. Berlin: Springer Verlag, 2016, v. 1, p.105-114.
- OLIVEIRA, Paulo. Philosophy of language and translation. In Oliveira, Paulo; Pichler, Alois; Moreno, Arley (Org.). *Wittgenstein In / On Translation*. (Em preparação: Papers of the Norwegian-Brazilian SPIRE-workshop held in Bergen, June 23-27, 2017)
- WILSON, Philip. *Translation after Wittgenstein*. Routledge: Abingdon & New York: 2016. (Series: Translation Theories Explored).